

educação física e o corpo negro

Ivanilde Guedes de Mattos*

Graduada em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL), Especialista em Metodologia do Ensino da Educação e Esporte Escolar pela UNEB, Mestranda do Programa em Educação e Contemporaneidade (UNEB). Bolsista da FABESP. Email: ivymattos@hotmail.com.

Movidos por uma inquietação acerca do ensino da Educação Física escolar nas escolas públicas é que iremos tratar neste artigo sobre as representações e identificações de uma parcela da população que faz parte deste universo—os jovens/adolescentes negros.¹ Sujeitos de direitos reconhecidos enquanto categoria social singular envolvidos pelos processos da globalização, estes jovens, norteiam nossos caminhos para tentar responder o que suspeitamos em relação à forma como o ensino da Educação Física é conduzido nas escolas. Ela provavelmente não contempla a juventude negra e sua corporeidade.

Voltar os olhos para a prática do ensino da Educação Física escolar é desvelar como o corpo vem sendo tratado na escola, daí, formularemos a seguinte pergunta: se o corpo próprio é a imagem do outro, como a escola vem trabalhando a identidade corporal nos jovens negros, num contexto social em que há uma imagem estereotipada desse corpo negro?

Partindo desta problemática iremos considerar jovem/adolescente da faixa etária entre 12 anos e 21 anos segundo o *Estatuto da Criança e do Adolescente*.² Buscamos em Grispun³ fazer esse destaque do que é ser adolescente. A autora nos autoriza afirmar que ser jovem/adolescente compreende uma série de conjecturas e não se resume apenas em uma etapa da vida caracterizada pela “crise” mas principalmente que

O jovem não é somente um representante de uma fase do desenvolvimento humano, uma condição biológica ou psíquica. Ele mais do que isso é, é uma definição cultural, é um produto da cultura, portanto dos valores preestabelecidos. Isto em razão da cultura estabelecer uma íntima relação com os valores, onde estes forjam a cultura e esta serem sistemas de valores.⁴

Identificar como os modelos corporais reproduzidos pela mídia orientam diferentes identificações/representações corporais desses jovens negros, motivou a opção por jovens adolescentes nessa faixa etária. Essa escolha foi principalmente por entendermos que é nesta etapa de vida que a escola passa a ser um espaço de referência para estes educandos que se reconhecem e se identificam na imagem do outro. Acreditamos que nesta idade o jovem/adolescente anseia pela interpretação da corporeidade que é derivada do corpo. É o momento em que se começa a conceber o corpo como um território próprio que preenche espaço, movimenta-se, mas que está sujeito às injunções e influências do social ao entorno.

Aragão⁵ desenvolve uma reflexão muito interessante sobre corpo e corporeidade. Ela propõe um sentido para nossas ações e movimentos que contraria a idéia de materialização corpórea, quer dizer a rigidez, a disciplina o movimento mecânico, prática sedimentada por décadas pelo ensino da Educação Física. Segundo a autora,

Entender esse corpo intencional é falar de corporeidade, expressão do sujeito no mundo. A corporeidade, que é construída desde a concepção e estende-se ao longo da vida, inicia-se no desenvolvimento intra-uterino e adquire consistência no decorrer da história de vida de cada um.⁶

A importância de uma compreensão acerca das representações e identificações corporais na juventude negra na escola se dá inicialmente pela razão de ser um período de transição do estado infantil para o estado adulto. Segundo Grispun,⁷ os jovens hoje anseiam pela liberdade de seus direitos e este anseio se expressa através de seus corpos, lembrando que nesta fase o jovem apresenta comportamentos instáveis, envolvidos principalmente pelos efeitos da mídia. Neste caso, para Rosário,⁸ o corpo representado na mídia é um corpo musculoso, sarado, restrito a uma parcela muito pequena da sociedade, limitada principalmente pela condição financeira. Salientamos no entanto que esse padrão corporal está mais voltado para os homens, esta mesma mídia apresenta para as mulheres o corpo magro, de silhueta alongada, nariz e lábios finos como sinônimo de beleza, mas tanto para homens quanto para mulheres o corpo branco é tido como signo de beleza, higiene e saúde.

Sayão e Bock⁹ reforçam a afirmação acima citada quando dizem que:

Esses modelos, cujo padrão estético não corresponde ao tipo físico mais freqüente em nosso país, podem contribuir para a construção de uma auto-imagem negativa para aqueles que não se enquadram nesse padrão veiculado pelas propagandas. As crianças e os jovens podem se sentir feios e, conseqüentemente, diminuídos nas possibilidades de auto-aceitação e auto-cuidado, quesitos tão necessários para a busca de prazer nas relações afetivas.¹⁰

Sendo a escola o espaço de construção e aquisição de conhecimentos e de relacionamentos, vemos com uma preocupação significativa à interferência da mídia na formação das crianças e dos jovens. Neste caso a mídia cria os padrões de beleza a serem cultuados e admirados, porém, o que percebemos é a forte implicação desta cultura de imagens de corpos

Memórias e trajetórias:

brancos, esguios e de cabelos lisos que o elege como referência para uma determinada sociedade. Percebendo que é através do corpo que o adolescente visualiza seu ingresso ao mundo adulto, torna-se necessário falar um pouco sobre essa etapa que intermedia a vida desses sujeitos.

Jovem - adolescente: o despertar da corporeidade

A adolescência é a fase na qual se processam várias mudanças no corpo, de forma muito intensa e fora de controle. As mudanças físicas incluem alterações hormonais, genitais e na voz. Nesta fase nascem e crescem pêlos em diversas regiões do corpo. As meninas têm o crescimento dos seios, a visita da menarca, o alargamento dos quadris. Nos meninos, há uma alteração na voz, a princípio fina depois mais grossa. Espinhas surgem no rosto. Em ambos os casos as alterações hormonais despertam curiosidades, vergonha e uma série de sentimentos confusos.

A adolescência e, em menor grau, a juventude vêm ocupando, nas últimas décadas, um lugar de significativa relevância no contexto das grandes inquietações que assolam a comunidade mundial, tanto no campo da educação quanto no da saúde, contribuindo, em especial, a preocupação com problemas que vêm atingindo os jovens de todo o planeta, como saúde sexual e reprodutiva, a gravidez precoce, o aborto inseguro e as DST e Aids.¹¹

Nesta fase da adolescência, é natural um despertar para a sexualidade através do corpo. Os meninos e meninas passam a fazer novas descobertas e experiências em relação ao próprio corpo. Os vínculos afetivos fazem e se desfazem com intensidade e rapidez entre os adolescentes, e o “ficar” expressão utilizada pelos jovens/adolescentes para classificar uma relação que possibilita ambas as partes ficar com quantos parceiros desejar é um exemplo disso, segundo Sayão e Bock.¹²

Por se tratar de uma das fases mais importantes na vida dos sujeitos, a adolescência é também uma das fases mais contagiantes, irreverentes, provocativas, criativas e construtivas. Pesquisas no âmbito da Educação Física, principalmente as que se permitem um contato mais direto com o público adolescente, podem propiciar uma troca de conhecimentos entre gerações que contribuirá, de alguma forma, para uma melhor compreensão sobre o que esta categoria pensa a respeito da corporeidade na contemporaneidade. Pode-se levar em consideração que hoje é possível pensar o corpo sobre outras dimensões não só física mas, principalmente, na dimensão social da cidadania.

Pensando dessa forma, destacamos que há um crescente movimento em nossa sociedade de contestação à hegemonia cultural e desta forma questões como a identidade estão sendo amplamente discutidas entre teóricos do pós-colonialismo que argumentam as mudanças no modo de vida ocasionadas por exemplo com as desilusões do iluminismo que acreditava na unificação da sociedade, centrada e principalmente apoiada na razão.

Influências como os processos de globalização têm sido responsáveis por uma série de transformações no mundo, a aproximação entre os mercados nacionais e internacionais, a rapidez com que se processam as informações, as diversas possibilidades que a Internet cria são sem dúvida elementos-chaves para a reconfiguração das relações entre mundos. Todos esses processos são responsáveis pela construção de novos sujeitos.

Discriminação - estereótipos

Reconhecemos as mais variadas formas de discriminação ao negro desde o racismo explícito até o preconceito. Os estereótipos são recursos utilizados há décadas pelas elites dominantes. Teorias foram utilizadas para assegurar a veracidade dos estereótipos, como por exemplo, a classificação hierárquica entre as raças branca e negra - sendo a primeira sempre concebida como superior e a segunda como inferior. O eugenismo, o darwinismo e o próprio capitalismo quando da necessidade de modernização das sociedades, afirmaram que o negro era preguiçoso, incivilizado, sujo e violento.

Falar de identidade na adolescência negra requer muito cuidado, pois a presença dos estereótipos exerce poder sobre os corpos negros, o que leva muitas vezes o jovem a ocultar sua cultura, seguindo o protótipo branco para serem comparados com modelos positivos.

Silva¹³ afirma que as dificuldades sociais e culturais impostas para o negro se produzem a partir do momento em que estes estereótipos são internalizados e naturalizados. Portanto, nossa preocupação é lançar mão das diferenças e confrontar os padrões corporais idealizados pela mídia enquanto ideal homogêneo de beleza.

Uma das representações entre a identidade negra e a identificação corporal negra é o estereótipo, a rotulação dada a estes grupos que reforça e distorce a posição dos mesmos na sociedade, marginalizando-os. Segundo Silva¹⁴ o livro didático apesar de ser um dos materiais pedagógicos mais utilizados pelos professores, é o que mais reforça a questão do estereótipo. Sabe-se da importância do seu uso, todavia é necessário, antes de mais nada, que no manuseio do mesmo a escola através de seus recursos pedagógicos reveja o tratamento que é dado àqueles que ajudaram a construir essa nação, o índio e o negro, por exemplo. A autora vai adiante afirmando que os livros didáticos expandem a ideologia do branqueamento que se efetiva no momento em que:

Internalizando uma imagem negativa de si próprio e uma imagem positiva do outro, o indivíduo estigmatizado tende a se rejeitar, a não se estimar e a procurar aproximar-se em tudo do indivíduo estereotipado positivamente e dos seus valores, tidos como bons e perfeitos.¹⁵

Assim como os livros didáticos, são também observados outros mecanismos de invisibilidade da cultura negra e dos valores morais dos negros em salas de aula, lembrando que nem sempre estes mecanismos estão claramente colocados ou abordados explicitamente.

Podemos citar alguns exemplos para ilustrar este pensamento: a religião católica é a religião convencionalmente adotada por quase metade da população brasileira. Ensinada em muitas escolas enquanto orientação religiosa, é idealizada como positiva. O mesmo não acontece com as religiões de matrizes africanas como, por exemplo a umbanda e o candomblé - geralmente associados às idéias de perversidade, maldade, bruxarias e outras -, o que denota o desrespeito e o desconhecimento das mesmas provocando a rejeição e o escárnio àqueles que confessam outras religiões.

Outro exemplo muito corriqueiro é o da escolha das rainhas e princesas nas escolas em épocas de festas juninas. Normalmente essas escolhas recaem no estereótipo, excluindo as meninas de pele mais escura, cabelos crespos e nariz achatado. Quantas destas meninas já não sonharam em ser as escolhidas e, por outro lado, quantos complexos de inferioridade não foram introjetados a partir da discriminação de um perfil de beleza que não é considerado ideal para rainhas e princesas? Mas isso não significa que o(a) adolescente negro(a) não esteja atento às diversas leituras que a sua imagem provoca e, em algumas vezes, sendo utilizada para reverter o estigma a ele(a) associado. Há, por outro lado, a resistência daqueles que já possuem uma consciência crítica e, hoje, acreditando mais nos processos de lutas anti-racistas, têm enfrentado os desafios impostos.

Memórias e trajetórias do corpo negro

Rever a história desses corpos que na contemporaneidade ainda são discriminados passa a ser elementar a partir de uma concepção histórica que retrata o corpo negro como subalterno e inferior. Como sabemos, os negros brasileiros são descendentes de africanos trazidos para o Brasil através do tráfico negreiro. Hoje, reconhecemo-nos por afrodescendentes ou afro-brasileiros, mas qualquer que seja a nomenclatura atual isso não diminui a tragédia de origem dessa história, da memória dos nossos ancestrais negros, trazidos nos porões dos navios, amontoados, humilhados, açoitados, tratados como animais, como se fossem corpos sem alma, corpos sem dor.

Munanga e Gomes reforçam essa reflexão quando afirmam:

Foram milhões de homens e mulheres arrancados de suas raízes que morreram nas guerras de captura na própria África, nas longas caminhadas para os litorais de embarque, nas condições de confinamento, falta de comida e higiene nos armazéns humanos construídos nos portos de embarque de carga humana, na travessia, enfim nas condições de trabalho e de vida reservadas a eles nos países de destino que ajudaram a construir e a desenvolver.¹⁶

Tratados como mercadorias, os corpos negros dos africanos que passaram a ser escravizados eram minuciosamente examinados nos mercados de escravos. Estes corpos, antes de serem colocados à venda, recebiam banho de óleo para que ficassem brilhantes, ressaltando-lhes o porte físico. Segundo da Costa:

Havia uma série de preconceitos a respeito dos estigmas físicos que permitiriam, segundo a opinião pública, distinguir o bom do mau escravo. (...) Desaconselhava os cabelos crespos em demasia, testa pequena ou baixa, olhos encovados e orelhas grandes, indícios em geral de mau caráter. Também não recomendava o negro de nariz muito chato, ventas muito apertadas, pois dizia que essa disposição prejudicava a respiração, não permitindo a saída livre do ar.¹⁷

A trajetória histórica dos corpos negros a partir da escravidão revela como e quanto sofreram os negros ao deixarem para trás suas comunidades e suas tribos, padecendo com a separação de seus familiares e sendo vendidos nos mercados para diferentes “senhores”. A história do povo negro é carregada de emoção e revolta. É preciso destacar, contudo, que os africanos e seus descendentes nunca se conformaram diante da condição de escravos. Os negros, em sua maioria, se rebelaram, lutaram e sofreram com os castigos impetuosos resultantes das fugas e das desobediências. Gomes reafirma essa postura quando escreve que:

Naquele contexto, a manipulação, as danças, os cultos, os penteados, a capoeira, o uso das ervas medicinais para a cura de doenças e cicatrização das feridas deixadas pelos açoites foram maneiras específicas e libertadoras de trabalhar o corpo.¹⁸

Hoje, filmes, novelas, livros e muitas obras tentam contar essa história. Inclusive um dos objetivos que compõe uma série de alternativas e reivindicações do povo negro é a priorização de publicações e traduções de obras de autores negros cujas produções vêm causando repercussão e reconhecimento por parte da academia. Destacamos o diretor de cinema Spike Lee, reconhecido pelos filmes *Faça a coisa certa* (1989), *Febre da Selva* (1991) e *Malcom X* (1992) pela forte conceituação que o mesmo alcançou no cenário hollywoodiano, levando para as telas a história de luta e libertação do povo negro.

Mas as marcas do chicote, os castigos e as humilhações que se deram por conta da dominação das elites não se encerram com o fim da escravidão, pois são marcas concretas do corpo negro, marcas estas que hoje podem ser reconhecidas pelo olhar da discriminação, mas que se mantêm vivas enquanto força e superação. Apoiamo-nos em Gomes¹⁹ para frisar que o corpo negro, desde a época da escravidão, sempre foi um corpo contestador e como guerreiros esses mesmos corpos despertavam interesses diferenciados.

Com preocupações de toda ordem, a elite burguesa tinha em comum o objetivo de frear os impulsos da promiscuidade e do sexo fora do casamento. Estas preocupações de fundo moral, na verdade, foram recursos utilizados para assegurar o patrimônio das famílias, pois as elites se empenharam arduamente para que não houvesse a mistura entre raças (brancos e negros), filhos fora do casamento ou qualquer outra situação fora de controle que terminasse por um desvio da herança.

E esta preocupação foi acirrada com o fim da escravidão, pois acumulava o risco de possíveis relações interétnicas, o que definitivamente deveria ser evitado, pois incidiria em mistura de raças. Naquele momento do século XIX, o Brasil vivia uma nova fase, fase essa que implicava na confirmação do domínio da elite branca. A necessidade de uma política de regulação e separação dos corpos promovida no fim da escravidão transfere para a instituição médica a função de proteger a sociedade, cultivando novos hábitos de saúde em detrimento da falta de higiene dos velhos hábitos coloniais e, ainda, o controle sobre uma possível mistura das raças. Segundo Costa,²⁰ o destaque da Medicina se deu porque, desde o início do século XIX, a classe médica lutava contra a tutela jurídico-administrativa herdada da colônia. Mediante oportunidade, foi possível um largo passo em direção à sua independência, assumindo a tarefa de administrar a saúde da população.

No intuito de colaborar com a estabilidade de uma nova ordem social, com preocupações voltadas à higienização da população, a classe médica se apropriou dos métodos assistencialistas e sanitaristas para adotar medidas de separação dos corpos em função das grandes epidemias que se proliferavam. Costa²¹ afirma que a Educação Física higienista (século XIX), através de um modelo corporal saudável e harmonioso colaborou substancialmente para o preconceito e a discriminação ao corpo negro.

Entendemos que a Medicina se utilizou da Educação Física enquanto área que trata do movimento humano e que tem o corpo como um instrumento a ser disciplinado, docilizado e intencionalmente discriminado para deflagrar movimentos higienistas. Culminando com o fim da escravidão em que o negro passou à condição de homem “livre”, foi necessária, portanto, uma política de ordenamento dos corpos.

As elites se uniram com o objetivo de impor as medidas de saúde à população, medidas que representavam, também, o discurso de ideologia branca que fez do preconceito racial um elemento constitutivo da consciência burguesa, utilizado como estratégia para manter a superioridade biológica do corpo (forte, branco, sadio). Segundo Costa:

O indivíduo de extração burguesa desde a infância aprende a julgar-se superior aos que se situam abaixo dela na escala ideológica de valores raciais. (...) Geralmente estão banidos da elite física: crioulos, paraibás, caipiras etc.²²

O corpo negro passava a ser um corpo discriminado socialmente enquanto corpo de um sujeito livre. Após a criação do ideal de raça superior, idealizado com base no modelo branco, a eugenia foi colocada em prática e disseminada como uma nova identificação corporal a ser incorporada pelas elites.

Foucault, em *Vigiar e Punir*, já destaca que o poder sobre os corpos sempre esteve a favor das classes dominantes e a partir do século XVII este poder ganhou força quando instalado sob a forma de disciplina nos quartéis, nas escolas, nos hospitais.²³ Apesar das formas de regulação teorizadas por Foucault serem anteriores ao período pós-abolicionista, avaliamos que é no século XIX, através da Educação Física higienista, que se dá de fato o biopoder²⁴ na nossa sociedade brasileira.

A partir de 1917, Renato Khel,²⁵ médico eugenista, psicólogo e diretor do Boletim de Eugenia, discípulo de Francis Galton²⁶ que utilizou um novo método científico para provar que as diferenças mentais são hereditárias e que dependem da mesma ordem de fatores dos quais dependem as diferenças de estatura. Galton desenvolveu o método das correlações tornou-se um dos maiores divulgadores da eugenia no Brasil. Ramos, que também desenvolve estudo sobre o eugenismo, faz referência à Khel dessa forma:

Fazia parte da geração de intelectuais, políticos, educadores, religiosos, juristas, artistas, jornalistas, antropólogos, médicos, psicólogos das décadas de 1920 e 1930, que investiram no discurso eugênico como estratégia para dar uma feição à nação brasileira.²⁷

Renato Khel²⁸ criou uma rede de relações com representantes das várias áreas do conhecimento a fim de desumanizar o corpo imperfeito. São estes os representantes de uma nova ordem política e social, entusiasmados com o futuro de uma nova nação que pudesse ser construída sobre os alicerces de uma suposta idéia de perfeição de uma raça que perpetuasse o sonho europeu em solo brasileiro.

Das reflexões de Diwan, sobre Khel foi possível ampliar o mapeamento das diversas ações contra os corpos que se diferenciavam dos modelos eurocêntricos; nesse caso podemos afirmar que a medicina, na figura do Dr. Khel elaborou as seguintes descrições de fealdade: anormal, monstruoso, doente, degenerado, incivilizado.

As dicotomias doença/saúde, sujo/limpo, feio/belo, anormal/normal e incivilizado/civilizado (...). O afastamento do sujeito observador no discurso médico transforma os observados em coisa, não humanos, passíveis de enquadramento a um corpo técnico de regras e processos.²⁹

Diwan afirma que segundo Khel um dos caminhos para a cura da fealdade é o embelezamento. Os padrões neste caso recomendados são baseados na forma física dos gregos. Destacamos que o processo de cura da fealdade no Brasil adotou uma configuração que diferenciou os mestiços dos negros separando-os em bons e maus mestiços e para tanto “seria possível aplicar as leis da perfectibilidade”. A lei da *perfectibilidade* individual nesta época foi vista, então, como parte da *perfectibilidade* da espécie humana, o que trouxe no seu bojo o princípio da futura teoria racial, classificação da humanidade em raças superiores e inferiores.³⁰ Lamarck, biólogo francês no início do século XIX assegura que os organismos animais podem ser classificados conforme hierarquia dada pela complexidade de seu esquema corporal, do mais baixo ao mais alto nível de vida, daí chamar *lamarckismo* como nova ciência eugênica “a fim de alcançar o padrão de beleza ou um estética do corpo comparável aos dos civilizados”.³¹ O embelezamento da raça brasileira, neste caso, passou a incorporar os sujeitos de pele menos escura, cujos métodos higiênicos utilizados como medidas profiláticas ajudariam este corpo a adquirir formas próximas do ideal branco/europeu.

Podemos inferir a partir desta breve reflexão a existência de um caráter de segregação racial impedindo os corpos negros de inserção nos espaços públicos e privados enquanto cidadãos ou restringindo-os aos fundos das fachadas. Segundo Ramos “é o corpo que estrutura as narrativas do espaço, selecionando, saltando, agrupando, criando limites, barreiras e fronteiras”.³²

Historicamente, o eugenismo contribuiu para a formação de discursos ideológicos de fundo racista, propondo a idéia de relacionar a fealdade a tudo que não fosse belo.³³ Se o ideal de beleza e saúde tem como modelo o imaginário “branco”, entendemos que o oposto destas qualidades são os negros e doentes, estigmas que as populações negras carregam até os dias de hoje. Uma das proposições desta pesquisa é destacar o poder da mídia como substituto do eugenismo enquanto poder regulador dos corpos. Esta hipótese abre vários caminhos para nossa investigação que reconhece na mídia a força de nos tornar reféns de um tipo de padrão de beleza. Desse modo, um outro olhar para o corpo negro se faz urgente. Isto porque as diferenças estão presentes em diversos espaços, mas é no cotidiano escolar que desejamos avaliar como os jovens/adolescentes negros se identificam corporalmente. Com a frenética necessidade de consumo que envolve a todos e a todas há uma busca por um corpo perfeito que a Educação Física precisa reavaliar. É nesse sentido que buscamos discutir nesta pesquisa não obstante sua fase inicial, compreender a diversidade e as inquietações destes que são atores de um espaço social e cultural e que buscam ser representados dentro de suas próprias alteridades.

Notas

¹ Este texto é parte da pesquisa realizada pela autora no ano de 2005 e compreende uma das etapas iniciais da dissertação de mestrado sob a orientação da Profa. Dra. Delcele M. Queiroz.

² BRASIL. *Estatuto da criança e do adolescente (1990)*. Trabalhos de pesquisa e elaboração de índice por Maria Celeste J. Ribeiro. 4. ed. Revisada e atualizada, Brasília: Senado Federal Subsecretaria de Edições Técnicas. 2003.

³ GRISPUN, Miriam.P.S.Z. *Adolescentes e a construção de valores*. www.miniweb.com.br/cidadania/temas_transversais. acessado em 02/07/2005

⁴ *Idem*, p. 4.

⁵ ARAGÃO, Marta G. Porquê a motricidade humana. *Revista Impulso*. Editora da UNIMEP/SP. 2000

⁶ *Idem*, p. 2.

⁷ GRISPUN, *op. cit.*, 2005, p.02.

⁸ ROSÁRIO, Nísia M. *Mundo contemporâneo: corpo em metamorfose*. Disponível em: <www.edesportes.com/edf79/corpos.htm>. Acesso em: 08/05/2005.

⁹ SAYÃO, Y; BOCK, S.D. *Texto Introdutório. Janela sobre o corpo*. Edição Equipe Educared. 2002. Disponível em: <www.educared.org>. Acesso em: 01.07.2005.

¹⁰ *Idem*, p. 32.

¹¹ CASTRO, Mary G. Juventudes e sexualidade. Unesco, Brasil, 2004. p.32.

¹² Ver SAYÃO, Y.; BOCK, S.D, 2005, p.02.

¹³ SILVA, A. C. A desconstrução da discriminação no livro didático In: MUNAGA, Kabenguele (Org.). *Superando o racismo na escola*. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

¹⁴ *Idem*, p. 22.

¹⁵ *Idem*, p. 23.

¹⁶ MUNAGA, Kabenguele. *Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos*. Kabenguele Munanga, Nilma L. Gomes. São Paulo: Global: Ação Educativa, Assessoria, Pesquisa e Informação, 2004.

¹⁷ COSTA, Emília. V. *Da senzala à colônia*. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

¹⁸ GOMES, Nilma L. (Org.). *Corporeidade e negritude* In: ---. *Corporeidade e teologia*. São Paulo: Paulinas; SOTER-Sociedade de Teologia e Ciências da Religião, 2005.

¹⁹ *Idem*, p. 135.

²⁰ COSTA, Jurandir. F. *Ordem médica e norma familiar*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983, p. 179.

²¹ *Idem*, p. 14.

²² *Ibidem*, p.16.

²³ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Trad. de Lígia M. Ponde Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1987.

²⁴ *Idem*, p.28.

²⁵ Ver DIWAN, Pietra S. Do feio ao belo: os caminhos da desumanização. *Projeto História*. São Paulo, n. 25, Dez. 2002, p. 424.

²⁶ Ver RAMOS, Maria B. Perfectíveis corpos- corpo e nação: territorialidades imponderáveis. *Projeto História*, São Paulo, n. 25, Dez 2002, p. 292.

²⁷ *Idem, ibidem*.

²⁸ Ver DIWAN, 2002, *op. cit.*, p. 424.

²⁹ *Idem*, p. 426.

³⁰ Ramos, 2002, *op. cit.*, p. 293.

³¹ *Idem*, p. 298.

³² *Idem*, p. 296.

³³ Ver DIWAN, 2002, *op. cit.*, p. 426.